

LEITURA CRÍTICA, ESCRITA REFLEXIVA

Tatiana Rosa Nogueira Dias

UnB

Resumo:

A leitura e a escrita devem ser observadas e estudadas como parte de práticas sociais. Pensando nessa questão, o presente trabalho utiliza ferramentas da Análise do Discurso Crítica, com o objetivo de desenvolver de maneira crítica uma leitura para que escritores reflexivos sejam apresentados, tanto no ensino médio quanto universitário, considerando que a possibilidade de leitura e sua interpretação favorece uma ação social.

Palavras-Chave: Texto, Leitura, Escrita, Análise de Discurso Crítica e Linguística Textual.

1. Introdução

A Leitura e a escrita estão no centro de diversas discussões na atualidade. Estamos sempre preocupados com o tipo de trabalho que está sendo desenvolvido com estudantes de diversas áreas e com a eficiência de suas leituras como forma de estudo e aprimoramento profissional.

A Análise de Discurso Crítica pode trazer ferramentas para desenvolver uma nova percepção de leitura e uma nova significação para a escrita que ajudam, não só os estudantes, mas auxiliam suas novas atividades profissionais.

Foram apresentados, no livro “Leitura e escrita: discussões e narrativas” (Dias e Bessa, 2010), questionamentos e narrativas a respeito do ensino de leitura e escrita, além de práticas desenvolvidas com estudantes de ensinos fundamental e médio. Para as presentes reflexões, são observadas correntes da Linguística que contribuem para uma nova significação de aprendizagem e de proposta de trabalho.

2. Olhares da Análise de Discurso Crítica, da Linguística Textual e da Sociolinguística

Vários autores estudam a leitura e a escrita. Dentre os campos da Linguística, destacam-se a Linguística-Textual, a Análise de Discurso Crítica e a Sociolinguística. Marcuschi (2008) apresenta um percurso histórico em que se estabelecem as diferenças entre uma percepção funcionalista e outra estruturalista.

Dentre as novas tendências “a partir dos anos 1950-1960”, o autor chama atenção para o surgimento das chamadas tendências “de caráter eminentemente interdisciplinares” (2008, p. 38).

Esse caráter de interdisciplinaridade trouxe novas acepções do processo de produção textual e, conseqüentemente, de leitura.

Como ponto em comum entre as correntes apresentadas, temos a percepção de texto como “um tecido estruturado, uma entidade significativa, uma entidade de comunicação e um artefato sócio-histórico” (Marcuschi, 2008, p.72). O texto está imerso em uma rede de relações que envolvem questões sociais e comunicativas que não devem ser deixadas, ou vistas em segundo plano.

Segundo a Linguística Textual – LT –, o texto seria uma parte de um processo que envolve o gênero textual e o discurso. Segundo Marcuschi (2008, p.84), o discurso é a parte linguística codificada associada a uma prática social historicamente situada; o texto seria o observável, apresentando todos os aspectos que dão acesso aos demais aspectos da análise; e o gênero seria a prática social e prática textual-discursiva, operando como uma ponte entre o discurso e o texto propriamente dito.

A Análise de Discurso Crítica – ADC – traz uma visão tridimensional do discurso, na tentativa de “reunir três tradições analíticas, cada uma das quais indispensável para análise de discurso”. Segundo Resende e Ramalho (2006, p. 28),

a prática social é descrita como uma dimensão do evento discursivo, assim como o *texto*. Essas duas dimensões são mediadas pela *prática discursiva*, que focaliza os processos sociocognitivos de produção, distribuição e consumo do texto, processos sociais relacionados a ambientes econômicos, políticos e institucionais particulares.

Fairclough (2001, p. 101), por meio de seu modelo tridimensional do discurso, propõe que as análises linguísticas passem a considerar a parte social, trazendo aspectos da sociologia, psicologia e política. O modelo tridimensional é representado da seguinte forma:

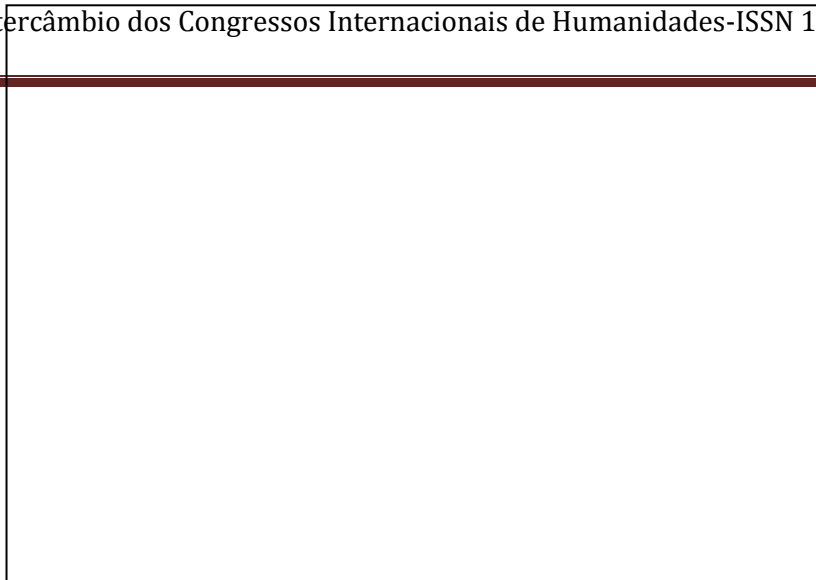


Figura 1 – Concepção tridimensional do discurso em Fairclough (trad. 2001)

Chouliaraki e Fairclough (1999) percebem que o discurso deixa de ser um elemento separado da prática social e passa a ser considerado um dos momentos da prática social, existindo outros momentos como aspectos materiais, como vozes e marcas em um papel; relações sociais e processos, considerando as relações sociais, poderes e instituições; e fenômenos mentais, como crenças, valores e desejos (Chouliaraki e Fairclough, 1999, p. 61). A relação entre os elementos da prática social é dialética, portanto um pode influir ou ser influenciado por outro, pois estão em uma relação de ‘articulação’ e ‘internalização’.

Fairclough (2001) apresenta como elementos das práticas sociais atividades; sujeitos e suas relações sociais; instrumentos; objetos; tempo e espaço; formas de consciência; valores; e discurso, indicando que a ACD “é a análise da relação dialética entre discurso (incluindo linguagem e suas outras formas de semiose, por exemplo, a linguagem corporal ou imagem visuais) e outros elementos da prática social”¹.

O autor apresenta discurso como se configurando em três modos nas práticas sociais. Primeiro ele se configura como parte de uma atividade social (gêneros); segundo, configura-se como representação, sendo representação um processo de construção social das práticas (discursos²); terceiro, discurso se configura como

modo de ser, nas construções das identidades (estilos) (Fairclough, 2001, p. 2).

Nesse ponto, há uma diferenciação entre as teorias a respeito do que seria considerado empiricamente como prática social, uma vez que para a LT o gênero textual situa-se como prática social e prática-discursiva.

Segundo van Dijk, (2008) uma concepção que deve ser considerada é o aspecto sociocognitivo de enunciação do discurso, pois aspectos contextuais e cognitivos aliados a uma análise discursiva textual de determinados elementos linguísticos propiciam uma reflexão a cerca de ideologia e poder.

O autor associa ainda poder aos modos de reprodução discursiva indicando que

Quanto menos poderosa for uma pessoa menor o seu acesso às várias formas de escrita e fala. No fim das contas, os sem-poder “não tem nada para dizer”, literalmente, não têm com quem falar ou precisam ficar em silêncio quando pessoas mais poderosas falam, como no caso das crianças, dos prisioneiros, dos réus e (em algumas culturas, incluindo algumas vezes a nossa) das mulheres. Van Dijk (2008, p. 44)

Segundo Meyer (2009, p. 15), as correntes de abordagem da Análise de Discurso Crítica possuem como base a busca de tornar explícitas relações de poder que muitas vezes estão escondidas, resultando na legitimação de práticas de exclusão.

Dessa forma, quando se percebe que os textos estão situados em uma prática social pode-se avaliar questões de ideologia e poder que começam por meio de uma leitura crítica que consiga elucidar os aspectos discursivos e sociais que estão envolvidos na recepção e produção dos textos.

Outra corrente da linguística que utiliza a interdisciplinaridade como ferramenta e analisa o texto não somente por critérios estruturais é a sociolinguística que também questiona a produção e recepção de textos. Bagno (2006) evidencia os tipos de preconceitos que muitos alunos passaram ou passam ao longo de seu percurso escolar.

Para que haja uma Consciência Linguística Crítica fatores sociais,

psicológicos e históricos devem estar presentes nas leituras e análises para as possíveis escritas.

3. A leitura crítica

Marcuschi (2008, p. 231) ressalta a mudança de percepção de leitura segundo Kleiman, e estabelece duas percepções de leitura. A primeira, antes de 1990, trazendo as correntes da psicologia e da linguística de textos que concebiam o leitor como sujeito ativo que utilizava e mobilizava conhecimentos pessoais para compreender; e a segunda, em que houve o deslocamento da ação de interesse sobre o texto para o contexto de interpretação relacionado à realidade sociocultural. A leitura torna-se uma ação solidária e coletiva feita em sociedade e não somente um processo de compreensão.

O autor apresenta ainda que teríamos duas formas de classificação de compreensão: compreender é decodificar, e compreender é inferir, gerando duas percepções de leitura. A leitura como forma apenas de decodificação, e a leitura como forma de inferências tendo como base uma construção sociointerativa.

Pensando na percepção de leitura como inferências, Adler e Doren *apud* Silva (2012, p. 26), consideram que, da mesma maneira que existem níveis de significados, têm-se níveis de leitura ativa, destacando-se três: a leitura exploratória, a leitura analítica e a crítica.

A leitura exploratória seria obter o maior número de informações em um tempo mínimo de tempo; a leitura analítica envolve um processo de decomposição do todo em partes; e a leitura crítica seria o ato de ler com um senso acurado de julgamento. Tem-se, dessa forma, na leitura exploratória, o texto em sua globalidade; na leitura analítica, o texto segundo o autor, e, na crítica, as ideologias subjacentes à intencionalidade do autor.

Mas, para que se consiga estabelecer uma leitura crítica podem-se utilizar outras percepções para a análise, considerando uma análise discursiva, envolvendo texto e discurso. Como metodologia, sugere-se, seguindo a ADC, que sejam desenvolvidos os seguintes passos:

1. Análise linguística: considerar itens lexicais e observação de significados. (nível lexical)
2. Análise textual: observar aspectos textuais como gênero ou outras formas que poderiam ser representadas o texto;
3. Análise discursiva: analisar a percepção do autor, as ideologias propostas, as formas que podem ser interpretadas e as suas funções;
4. Análise social: observar qual a finalidade do referido texto para a realidade social em que está inserido.

Dessa maneira, ao fazer uma leitura ativa, considerando também aspectos sociais e discursivos, teríamos uma verdadeira leitura crítica, passando por critérios linguísticos e sociais, fazendo que o/a leitor/a passe ao nível de compreensão discursiva.

omo o discurso tradicional, o discurso feminista, o discurso jurídico.

4. Escrita reflexiva

Quando se percebe a leitura com forma de um processo social, como forma de interação social, a escrita também se coloca em evidência, pois, muitas vezes em nossas atividades de produção textual, os elementos de escrita e leitura encontram-se relacionados.

Em texto anterior, junto com Bessa (2010), afirmamos que

A melhor forma de ensinar a escrever é oferecendo às pessoas a oportunidade para escrever, propiciar um contato com as possibilidades que podem ser alcançadas com esse tipo de comunicação. Porém, isso não é tão simples assim. A escola oferecia a chance de escrever ‘redações’(os textos escolares – que geralmente só pertencem aquele universo) ou procurava ensinar os/as estudantes a escrever ‘corretamente’ antes mesmo deles/as escreverem – o suposto ensino de regras da gramática tradicional. (Dias e Bessa, 2012, p. 24)

Já, desde 2001, Fairclough, apresenta que, para que haja uma Análise de Discurso Crítica, é necessária uma reflexão sobre o que foi pesquisado. Não basta

apenas analisar o que o autor queria propor ao redigir determinado texto (produzir inferências), é de suma importância que se pense nas posições em que se está inserido, tanto no ato comunicativo, quanto social, para a leitura crítica. Também se deve pensar em como, ou a partir de que prisma, está se vislumbrado determinada ação social representada no discurso.

¹ Minha tradução para “CDA is analysis of the dialectical relationships between discourse (including language but also other forms of semiosis, e.g. body language or visual images) and others elements of social practices”.

² O autor chama atenção para que perceba a diferença de ‘discurso’, no singular, que seria o elemento da prática social, e ‘discursos’, no plural, que envolveriam os diversos discursos que temos como forma de representação em nossa sociedade, c

A partir da premissa que um discurso molda e é moldado por outros discursos, produzindo ações sociais, a escrita reflexiva pode ser percebida como uma ferramenta de ação social. Os alunos precisam atentar-se para as redações, não como uma tarefa imposta com a finalidade de obter determinada menção ou nota, mas como forma de reflexão e até mesmo ação na sociedade.

Faz-se necessária a aplicação do conceito de crítica como reflexão também para a escrita. Objetivar quais as possíveis ações sociais da escrita ou tentar perceber a recepção de um possível leitor é fundamental.

5. Reflexões a respeito da leitura crítica e escrita reflexiva

O objetivo de se formar alunos que possam desenvolver uma leitura crítica e que façam escritas reflexivas é para que saibam utilizar sempre as ferramentas da LT e ADC como forma de desenvolver uma Consciência Linguística Crítica em que utilizem os aspectos textuais para percepção das relações de poder e ideologias que estão representadas nos textos, gerando ações sociais.

Segundo Fairclough (2001, p. 292)

Mediante a conscientização, os aprendizes podem tornar-se mais conscientes das coerções sobre sua própria prática, e das possibilidades, dos riscos e dos custos do desafio individual ou

coletivo dessas coerções, para se engajarem em uma prática linguística emancipatória.

Pensando também em Consciência Linguística Crítica é fundamental, como também observa Fairclough (2001), as variações linguísticas, não só como forma de diversidade, mas exaltando os aspectos hegemônicos e ideológicos. Nesse momento faz-se uma relação também com a sociolinguística que estuda e apresenta o referido aspecto.

Muitos de nossos alunos, antes de começar o trabalho com a leitura e a escrita, passaram, ao longo de sua trajetória estudantil, por algum tipo de preconceito que produziu algum desconforto ou o/a impede de executar uma leitura ou até mesmo uma escrita eficaz. Por essa razão, é imprescindível desenvolver um trabalho de elucidar as ideologias e as hegemonias que estão inseridas no sistema de educação da língua materna, antes mesmo, ou em conjunto, da apresentação de ideologias presentes nos diversos textos.

Como apresenta Bagno (2007, p. 73)

Em contraposição à noção de “erro”, e à “tradição da queixa” derivada dela, a ciência linguística oferece conceitos de *variação* e *mudança*. Enquanto a Gramática Tradicional tenta construir uma “língua” como uma entidade homogênea e estável, a Linguística reconhece a língua como uma realidade intrinsecamente **heterogênea, variável, mutante**, em estreito vínculo com a dinâmica social e com os usos que dela fazem seus falantes. Uma sociedade extremamente dinâmica e multifacetada só pode apresentar uma língua igualmente dinâmica e multifacetada.

Dessa maneira, evidencia-se a relação entre a sociedade e a comunicação, apresentando o caráter que muitas vezes é despercebido e utilizado como forma de poder: a própria língua.

6. Uma nova proposta de leitura e escrita

Para desenvolver uma leitura crítica e uma escrita reflexiva são necessárias novas concepções a respeito da própria linguagem, abarcando também questões sociais. A noção de como estrutura-se um texto dentro do campo discursivo torna-se

fundamental para que haja a representação e possibilidade de interpretações por meio de inferências e análises sociais.

Perceber que o texto é desenvolvido em um contexto social por pessoas que carregam e podem reproduzir determinadas ideologias³ que contribuem para a manutenção de hegemonias, favorece para que o/as aluno/as façam uma leitura crítica e uma escrita reflexiva.

7. REFERÊNCIAS

BAGNO, Marcos. *Nada na língua é por acaso: por uma pedagogia da variação linguística*. São Paulo: Parábola, 2007.

_____. *Preconceito Linguístico: o que é, como se faz*. São Paulo: Loyola, 43ª ed., 2006.

CHOULIARAKI, Lilie e FAIRCLOUGH, Norman. *Discourse in late modernity*. Edinburg: Edinburg University Press, 1999.

DIAS, Tatiana R. N. e BESSA, Décio (orgs.). *Leitura e escrita: discussões e narrativas*. Brasília: CNPq, 2010.

FAIRCLOUGH, N. *Discurso e mudança social*. Brasília: Editora da UnB, 2001.

MARCUSCHI, Luiz Antônio. *Produção textual, análise de gêneros e compreensão*. São Paulo: Parábola, 2008.

MEYER, M. Between theory, method, and politics: positioning of the approaches to CDA. In: WODAK, R. e MEYER, M. *Methods of Critical Discourse Analysis*. London: Sage, 2009.

RESENDE, Viviane M. e RAMALHO, Viviane. *Análise de Discurso Crítica*. São Paulo: contexto, 2006.

SILVA, Denize E. G. Margens de sentido(s) nas águas textuais e discursivas. In: *Universitas Humanas*. Brasília, v. 9, n.1, p.23-30, jan./jun. 2012.

VAN DIJK, T. *Discurso e poder*. São Paulo: Contexto, 2008.

³ Cabe salientar a importância do estudo do que seja ideologia e suas diversas acepções.